



USO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS MAUS COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Viviane Carneiro de Oliveira¹, Jaqueline Oliveira de Araújo²

¹ Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Email: viviihistory@gmail.com; ² Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Email: jaaqueline.historia@gmail.com

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar a obra "*Maus: A história de um sobrevivente*" como abordagem acerca da Segunda Guerra Mundial no ensino de História, partindo da observação das dificuldades encontradas pelos alunos em utilizar apenas o livro didático como metodologia em sala de aula. A obra, por se tratar de um relato biográfico e autobiográfico, pode ser utilizada como fonte e por ser uma história narrada em quadrinhos consegue atrair e fixar a atenção dos alunos com mais facilidade, tendo em vista que as práticas de ensino tradicionais voltadas para a narração dos fatos históricos sem auxílio de imagens dificultam a aprendizagem pelo fato de que apenas a exposição oral torna-se cansativa e pouco atrativa. Apesar de ser uma história em quadrinhos, *Maus* relata em primeira mão as experiências reais vividas por Vladek Spiegelman destacando-se o período em que ele passou em Auschwitz. Portanto, é uma obra impactante e envolvente pelo seu valor histórico. As histórias em quadrinhos são utilizadas mais para o entretenimento do que como objeto de estudo, e esse trabalho procura apresentar uma nova leitura sobre esse tipo de fonte histórica que com o cuidado necessário pode ser de grande utilidade não apenas para o professor, mas também para o aluno no estudo de um tema que chama atenção mesmo após terem passado sete décadas do acontecimento histórico em questão.

Palavras-chaves: Vladek Spiegelman, Segunda Guerra Mundial, História em Quadrinhos, Ensino de História.

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial pode ser considerada como um marco divisor do século XX, tendo em vista que a mesma causou efeitos multiplicativos e revolucionários em todas as camadas das experiências humanas. O fim da Guerra levou os Estados Unidos a uma situação privilegiada, pautada numa economia forte. Entretanto, nem todos os envolvidos em tal período histórico puderam sair felizes e satisfeitos. Ao lado do sucesso dos Aliados podemos nos deparar com pessoas que viveram momentos de aflição e perdas, famílias que lutam incansavelmente contra o passado e buscam o esquecimento do mesmo. Esquecimento contra crimes cometidos por uma sociedade que segregava e buscava criar uma raça pura.

Pautado nos relatos de experiências vividos por seus pais judeus na Polônia, sobreviventes de Auschwitz, Art Spiegelman desenvolve sua obra não somente para ter apenas mais um apanhado



de fatos acerca do holocausto, mas, sobretudo para deixar viva a memória do seu pai que durante muito tempo almejou esquecer seu passado de tanta dor. A história, bastante envolvente, é capaz de emocionar e fazer o leitor vivenciar uma história para além dos relatos, por meio de uma narrativa que com seus detalhes reais emocionam.

A elaboração desse trabalho surgiu a partir da perspectiva de desenvolver uma atividade com o tema da Segunda Guerra Mundial em sala de aula, tendo como material de apoio o quadrinho *Maus: a história de um sobrevivente*. O objetivo é explanar o assunto de forma que o aluno consiga compreender, por meio das imagens e da linguagem acessível, a temática da Guerra sob a ótica de um sobrevivente aos horrores, tendo em vista que a escola abre espaço para que o conhecimento possa ser apreendido de diversas formas, cabendo ao professor mediar a significação das imagens e sua correta interpretação.

A obra estudada utiliza a representação dos personagens de forma bastante interessante: os judeus são representados como ratos, enquanto os poloneses são porcos, os alemães são gatos, franceses sapos e os americanos cachorros, cada um ligado à sua nacionalidade e posição política e social e tais abordagens podem ser levadas em questão em sala de aula para estimular o desenvolvimento de um senso crítico nos alunos.

Segundo Vilém Flusser, “o nazismo é um dos avanços mais crus em direção a uma futura cultura de imagens, ou que no futuro a cultura da tecno-imagens será o nazismo aperfeiçoado” (FLUSSER, 2007, p. 148). Podemos então perceber que o holocausto contribuiu para a disseminação de imagens, estas que permitem ao aluno da educação básica uma melhor aproximação do tema abordado, tendo em vista que, ainda de acordo com Flusser, “a escrita está se subordinando à construção de imagens, e a razão à imaginação” (FLAUSSEER, 2007, p. 148). Dessa forma, após a temática acerca da Segunda Guerra Mundial ser explanada, ao ter acesso ao quadrinho *Maus*, o aluno poderá ter em mente, a partir da visualização das imagens, a representação do que foi descrito na aula teórica, permitindo um maior envolvimento com o acontecimento histórico narrado.

METODOLOGIA

O trabalho em questão trata-se da análise da história em quadrinhos *Maus: a história de um sobrevivente* como recurso didático a ser utilizado em sala de aula, tendo em vista que os alunos da



educação básica simpatizam-se e conseguem se envolver mais numa aula de História quando a mesma não se limita apenas à narração de fatos históricos. O uso de imagens desperta um olhar diferenciado acerca do tema proposto, já que os alunos conseguem dar sentido à imaginação, principalmente quando a história é narrada em quadrinhos, recurso este que é utilizado pelos jovens até mesmo em momentos de lazer e descontração.

Programas como o PET (Programa de Educação Tutorial) e o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) permitiram experiências no âmbito docente e conseqüentemente a observação e conclusão de que os alunos preferem uma aula de História mais dinâmica, uma aula que fuja de uma abordagem empirista dos assuntos contidos na grade curricular anual.

Para elaboração das discussões foi realizado um levantamento bibliográfico acerca do holocausto, das implicações da memória e do esquecimento a partir de relatos de experiência sobre a Segunda Guerra Mundial, bem como da utilização de imagens como recurso didático em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao entrar em contato com imagens de forma isolada, o aluno que não apresentar conhecimentos prévios acerca do tema proposto dificilmente irá apreender a real mensagem que as mesmas querem passar. Quando a história em quadrinhos *Maus* é abordada como metodologia extra pelo professor pode-se buscar uma interação maior com o holocausto, tendo em vista que o olhar para as imagens, após uma abordagem inicialmente teórica, será de forma mais específica, atentando-se para os detalhes.

A leitura inicial de uma imagem costuma ser instantânea, na superfície, assim só depois de se captar a ideia central da imagem é que se alcança os detalhes e miudezas expressivas. Lê-se uma imagem mais rapidamente do que o texto porque esta se abre para o leitor em menos tempo (NASCIMENTO; SANTOS, 2012, p. 199)

Dentro das dimensões da Nova História Cultural, surge o interesse pela simbologia em história, de forma que todas as relações sociais são campos de produções culturais. De acordo com Lynn Hunt, “os documentos não seriam simples reflexos transparentes do passado, mas ações simbólicas com significados diferentes conforme os autores e suas estratégias” (HUNT, 2006, p. 1-29). Em *Maus*, a simbologia das imagens se faz presente do começo ao fim e é por meio dela que a representação do passado é compreendida pelo aluno, o qual também acaba envolvendo-se



emocionalmente no desenrolar da narrativa. Na obra, a animalização do ser humano (zoomorfização) é notória. O fato dos personagens serem representados como animais possui significado tanto real quanto figurativo, a exemplo dos judeus que são representados como ratos e a palavra “Maus” significar ratos em alemão.

Conforme a narrativa avança, detalhes como a simplicidade de como os fatos são relatados e as feições nos rostos dos personagens ampliam o drama do holocausto. De certa forma, essa representação imagética parece “suavizar” em parte a leitura. Todavia, apesar disso a história é um relato claro e fiel do horror acontecido durante a Segunda Guerra, de forma que mesmo sendo desenhos, o fato não é suavizado. De acordo com Roger Chartier, “não existem práticas ou estruturas que não sejam produzidas pelas representações” (CHARTIER, 1991, p. 177). Assim, a partir da representação imagética, o leitor acaba por participar da construção do sentido e da historicidade do texto.

A representação dos guetos que separavam as famílias, os campos de concentração e os bunkers são mostrados de um modo tão particular que deixam o leitor muito mais próximo dessa realidade, fazendo com que o mesmo acabe envolvendo-se intimamente com a história do início ao fim. Logo no começo, antes da história propriamente dita, temos a impactante mensagem do pai de Art Spiegelman, Vladek Spiegelman, em relação à amizade, quando o filho chega em casa chorando após ter caído numa brincadeira com seus amigos: “Amigos? Seus amigos?... Se você se trancar num quarto sem comida por uma semana... Aí você verá o que são amigos!...” (SPIEGELMAN, 1987, p. 5). A experiência de vida de Vladek Spiegelman é relatada ao filho, o qual desejava desenhar um livro sobre a vida do pai na Polônia e na guerra. Aos poucos, Vladek conta como era a sua vivência cotidiana, começando a partir do ano de 1930, quando a ideologia nazista não era tão forte na Europa.

A experiência humana é um importante campo de estudos para o historiador, porque o cotidiano expressa ações, hábitos e culturas que nos ajudam a construir melhor a imagem de um determinado fato. O acompanhamento do dia-a-dia de Vladek nos permite construir o valor emocional e histórico do seu relato, justamente por meio da relação entre o texto e o leitor. De acordo com Mary del Priore, “o cotidiano só tem valor histórico e científico no interior de uma análise de sistemas históricos que contribuam para explicar seu funcionamento” (PRIORE, 2011, p. 249).



À parte da representação imagética, que também serve como forma de atrair o aluno, por ser uma fonte diferente do tradicional, *Maus* também retrata um outro importante conceito para a História, o conceito da Memória. A História é a narração de uma série de acontecimentos realizados pelo homem e, de acordo com Jacques Le Goff, a memória é:

um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder (LE GOFF, 1990, p. 476).

Nesse sentido, *Maus* é uma obra que está o tempo todo rememorando o passado de Vladek, suas dificuldades e conflitos vividos. Por meio dos quadrinhos, construímos a identidade do pai de Art Spiegelman, tanto a do presente quanto a do passado, podendo simultaneamente, fazer uma comparação entre as duas, destacando as mudanças que a guerra operou na personalidade do sobrevivente.

O gênero história em quadrinhos geralmente chama a atenção pelo entretenimento que as histórias proporcionam, sendo mais leves e divertidas. *Maus* foge dessa perspectiva, aprofundando a concepção que temos da Segunda Guerra, relatada em primeira mão por um dos sobreviventes judeus. Art Spiegelman conseguiu imaginar os cenários e desenhá-los, por meio da rememoração do pai. Para nós, da geração que não vivemos o Holocausto, ele realizou um trabalho deveras importante que nos ajuda a entender a realidade da Segunda Guerra, para além da brevidade do livro didático. A esse respeito, utilizar *Maus* em sala de aula é uma alternativa atrativa tanto para o aluno como para o professor, tornando a aula mais dinâmica e mais produtiva. Quando o aluno se depara com o quadrinho, é como se um novo mundo se abrisse para ele, com novas formas de ver um tema, com as representações imagéticas e a rememoração dos dias da Segunda Guerra. Então, ao mudar a maneira que aborda o assunto, o professor que utiliza *Maus* como fonte em sala de aula pode exemplificar melhor os fatos ocorridos, utilizando passagens específicas dos quadrinhos, de forma que o conteúdo é fixado com mais facilidade pelos alunos, sem contar no envolvimento emocional com a obra, tanto por parte do aluno como do professor, o que torna a didática em sala de aula mais prazerosa.



Imagem 1.



Fonte: SPIEGELMAN, 2005, p. 232.

Na imagem acima temos uma representação do passado e do presente, no qual, por meio das suas lembranças, Vladek narra a o que os nazistas submetiam as pessoas nos campos de concentração. A partir do segundo quadrinho podemos perceber a caracterização indumentária dos prisioneiros, uma das marcas do holocausto. No terceiro os ratos demonstram todo o sofrimento causado pela dor física provocada pelos crematórios.

Todavia, os alunos possuem certa dificuldade para lidar com fontes históricas, ou seja, para utilizar materiais em sala de aula que não seja o livro didático. O motivo disso é que desde que entram em idade escolar, são levados a estudar apenas o conteúdo descrito no livro que por vezes é muito superficial, mas que é um fato que está presente na nossa cultura de estudo. Então, o professor que inova, buscando novas alternativas didáticas, percebe que a aula flui com mais



interesse e facilidade, além do fato que a atenção do aluno é capturada em sua totalidade. A esse respeito, Luiz Fernando Cerri e Angela Ribeiro Ferreiro afirmam que:

[...] os questionamentos sobre o uso restrito e exclusivo de fontes escritas conduziu a investigação histórica a levar em consideração o uso de outras fontes documentais, aperfeiçoamento as várias formas de registros produzidos. A comunicação entre os homens, além de escrita, é oral, gestual, figurada, música e rítmica (CERRI; FERREIRA, 2007, p. 72).

Assim, devemos considerar que ensinar História não é simplesmente reproduzir um conhecimento tal qual está no livro didático, mas também é mostrar a visão histórica do mundo do professor, ou seja, a sua representação de determinados conteúdos. Esses materiais facilitam que o professor reflita melhor junto aos alunos e compreenda como determinadas sociedades se configuraram no tempo e no espaço.

O conceito de fonte é bem abrangente, sendo encarado como qualquer vestígio deixado por sociedades do passado. O professor tem o papel fundamental de mediar a forma como as fontes são interpretadas em sala de aula, de forma que elas passem pela crítica histórica.

A utilização das fontes históricas não trata de buscar as origens ou a verdade de tal fato, trata-se de entender estas enquanto registro testemunhos dos atos históricos. É a fonte do conhecimento histórico, é nela que se apoia o conhecimento que se produz a respeito da história. Elas indicam a base e o ponto de apoio, o repositório dos elementos que definem os fenômenos cujas características se buscam compreender (SAVIANI, 2006, p.30).

Logo, se utilizadas corretamente, as fontes melhoram a relação ensino/aprendizagem em História, ampliando o conhecimento e a compreensão do passado. De acordo com Rüsen, as fontes “permitem ao indivíduo a indagação sobre o passado de forma que a resposta lhe faça algum sentido no presente e que de alguma maneira esse sujeito encontre uma orientação histórica para a sua vida cotidiana”. (RÜSEN, 2007, p.133).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todos os apontamentos descritos neste artigo, percebemos que o potencial do uso das fontes como material didático é positivo em diversos sentidos e contribui para a formação do aluno enquanto cidadão capaz de compreender as transformações que ocorreram na construção da História da humanidade.

Não é tarefa fácil lidar com certos acontecimentos passados, mas as diferentes formas que existem que nos contam relatos, a exemplo de *Maus*, dinamizam o conhecimento, não ao ponto de transformar em “fácil” a realidade vivida em determinado tempo e espaço histórico, mas sim de



melhor proporcionar uma imagem do que foi e como o passado ainda se relaciona com o presente, afinal, o pensamento crítico em História ganha seu sentido a partir da sua relação com o presente. É essa dialética que o professor deve buscar explicar em sala de aula por meio das fontes.

A História em Quadrinhos além de poder ser utilizada como material didático, como vimos no decorrer do artigo, é também uma forma de arte de narrar histórias por meio de quadros sequenciais, contendo imagens ou desenhos, acompanhados pela linguagem, representada nos balões ou requadros. Além de ser algo bastante dinâmico, trabalhar com história em quadrinhos é um incentivo à arte, tendo em vista que podemos encontrar dentre os alunos alguns que tenham habilidades artísticas e sintam-se à vontade para confeccionar suas próprias obras de arte.

A obra de Art Spiegelman tem como uma das funções impedir o esquecimento das lembranças das vítimas do holocausto, impedir que fique oculto na história que houve um atentado contra a memória cultural da humanidade e foi a partir da memória do povo judeu que uma força coletiva se uniu contra o esquecimento. A câmara de gás lutava contra a memória, mas os sobreviventes de Auschwitz, sobretudo Vladek, clamaram pela sobrevivência e pela preservação das lembranças das vítimas. Embora muitos tenham lutado para esquecer todo o sofrimento causado pela Guerra, a luta de tantos outros foi pautada no combate ao extermínio da memória judaica, mesmo que as lembranças os trouxessem dor por reviver momentos de desespero e angústia. Dessa forma, é possível que os alunos consigam se envolver com os relatos. Quando os mesmos têm conhecimento de que aquela obra não se trata de ficção, o envolvimento torna-se maior, já que surge uma curiosidade de analisar as imagens e perceber visualmente o que aconteceu no passado.

Assim sendo, *Maus* é a personificação de uma época visualmente perdida para muitos, muito embora existam imagens acerca a Segunda Guerra. Contudo, o diferencial de *Maus* está na sua composição, tanto pela representação imagética dos seres humanos como animais como na importância do seu conteúdo e o relato de experiência de Vladek Spiegelman que é capaz de transportar o aluno para um mundo passado, sem que ele precise sair da sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

CERRI, Luis Fernando; FERREIRA, Angela Ribeiro. **Notas sobre as demandas sociais de representação e os livros Didáticos de História**. In: O livro Didático de História: políticas educacionais, pesquisa e ensino. Natal: EDUFRN, 2007.



CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** Estudos avançados, São Paulo, vol.5 n.11 Jan./Abr. 1991.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia da comunicação.** São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

HUNT, Lynn. **História, cultura e texto. A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NASCIMENTO, M. P; SANTOS, M. S. **História, memória e esquecimento: Implicações políticas.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 79 / 2007, p. 95-111.

NASCIMENTO, L, S; SANTOS, M. **Imagens do holocausto em Maus, de Art Spiegelman, e em Os Emigrantes, de W. G. Sebald: O que os quadrinhos e a literatura nos ensinam sobre a realidade e a ficção.** Cordis. Cronistas, Escritores e Literatos, São Paulo, n. 9, p. 189-212, jul./dez. 2012.

NUNES, William. **Maus – A história de um sobrevivente do holocausto.** Disponível em: <<http://jornalismojunior.com.br/sala33/maus-a-historia-de-um-sobrevivente-do-holocausto/>>.

Acesso em: 10/08/2016 às 19:10 horas

PRIORE, Mary Del. **História do cotidiano e da vida privada.** In: VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO. Domínios da história. São Paulo: Campus, 2011.

RÜSEN, Jörn. **Didática - funções do saber histórico.** História Viva: teoria da História, formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevan de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SAVIANI, Demerval. **Breves considerações sobre fontes para história da educação.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, p.28-35, ago. 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SPIEGELMAN, Art. **Maus: a história de um sobrevivente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.